

**SINTAGMAS NOMINAIS E A SUBIDA DE N**  
**ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O ITALIANO, O PORTUGUÊS EUROPEU**  
**CONTEMPORÂNEO E O PORTUGUÊS ANTIGO \***

ANA CASTRO

(Centro de Estudos Comparados da FCSH - UNL)

**A proposta de Longobardi para o Italiano Standard**

Segundo Longobardi (1996a e b), algumas classes de nomes singulares, nas línguas românicas, movem N para D — movimento da posição básica dos nomes para a posição normalmente ocupada pelo artigo — atravessando o possessivo e excluindo o aparecimento de D.

São alguns nomes próprios e um pequeno grupo de nomes comuns — uma subclasse dos nomes comuns de parentesco (usados coloquialmente para substituir nomes próprios) e a palavra, nas línguas românicas, para "casa". Apresentam, segundo Longobardi, o seguinte paradigma em muitas variedades do Italiano — com Determinante [+def, +esp] (que dá uma interpretação específica e definida a todo o NP) e em posição argumental, aqui ilustrada pela posição de Sujeito:

- (1) a. Il mio Gianni ha finalmente telefonato.  
b. Gianni mio ha finalmente telefonato.  
c. \* Mio Gianni ha finalmente telefonato.
  
- (2) a. La mia casa è più bella della tua.  
b. Casa mia è più bella della tua.  
c. \* Mia casa è più bella della tua.
  
- (3) Papà/Mamma  
Nonno/-a      mio/-a verrà a trovarmi.  
Zio/-a

- (4) Mio padre/nonno/cugino...
- (5) a. Il mio amico ha finalmente telefonato.  
 b. \* Amico mio ha finalmente telefonato.  
 c. \* Mio amico ha finalmente telefonato.

Este movimento de N para D não é permitido para os nomes comuns "normais", que, em posição argumental, são sempre introduzidos por D lexical (5 a.).<sup>1</sup>

A ocorrência com D nulo e sem subida de N não é possível com qualquer das classes de nomes (alíneas c. dos exemplos), excepto com os nomes de parentesco (4), em que, segundo Longobardi, há, provavelmente, um processo de assimilação superficial do possessivo a um determinante, típico do Francês ou do Inglês (ou do Português Antigo, como veremos).

#### Português Europeu Contemporâneo (PEC)

Contrapondo dados do PEC paralelos aos apresentados por Longobardi para o Italiano, para os nomes próprios (cf. 1 e 6), "casa" (cf. 2 e 7), nomes de parentesco (cf. 3-4 e 8) e nomes comuns "normais" (cf. 5 e 9),

- (6) a. O meu João telefonou finalmente.  
 b. \* João meu telefonou finalmente.  
 c. \* Meu João telefonou finalmente.
- (7) a. A minha casa é mais bonita do que a tua.  
 b. \* Casa minha é mais bonita do que a tua.  
 c. \* Minha casa é mais bonita do que a tua.
- (8) a. O meu pai virá encontrar-se comigo/virá ver-me.  
 b. \* Pai meu virá encontrar-se comigo/virá ver-me.  
 c. \* Meu pai virá encontrar-se comigo/virá ver-me.<sup>2</sup>
- (9) a. O meu amigo telefonou finalmente.  
 b. \* Amigo meu telefonou finalmente.  
 c. \* Meu amigo telefonou finalmente.

verificamos que, em PEC, não existem os dois padrões definidos para a ocorrência de nomes singulares com D [+def, +esp] que Longobardi encontrou no Italiano: um para alguns nomes próprios e nomes comuns como "casa" e nomes de parentesco; outro para os nomes comuns "normais". Tal não acontece

em PEC quer em posição de sujeito (cf. 6 a 9), quer em posição de objecto directo (cf. 10 e 11).

- (10) Comprei a minha casa  
 \* casa minha em Janeiro.  
 \* minha casa
- (11) Encontrei o meu João/o meu amigo/o meu pai  
 \* João meu/ \* amigo meu/ \* pai meu no café.  
 \* meu João/ \* meu amigo/ \* meu pai

A subida de N ocorre em contextos com possessivo e D nulo, mas quando este é [-def, -esp, -sing]:

- (12) Encontrei amigos meus na festa. = alguns/uns amigos meus.  
 (13) Foram assaltadas casas minhas na semana passada. = algumas/umas casas minhas  
 (14) ? Vi Joões meus ontem.<sup>3</sup> =alguns/uns Joões meus

Resumindo: todos os nomes singulares com D [+def, +esp] e possessivo, em PEC, se comportam como os nomes comuns "normais" em Italiano - com D lexical e sem subida de N. Não há subida de N (com D nulo [+def, +esp]) e D nulo [+def, +esp] não pode sequer ocorrer nos contextos apresentados.

O único contexto, em PEC, em que um nome comum singular (de qualquer tipo) admite possessivo pós-nominal é o apresentado em (15). É um contexto exclamatório que, segundo Longobardi, é não-argumental e de uso restrito, pois o equivalente na afirmativa não é gramatical; a interpretação do NP é [-def, -esp] = uma casa/um filho/um amigo que seja minha/meu (pode existir ou não)<sup>4</sup>.

- (15) a. Casa minha/Filho meu/Amigo meu não tem esses defeitos!  
 b. \* Casa minha/\* Filho meu/\* Amigo meu tem esses defeitos!

### Português Antigo (PA) - séc. XIII<sup>5</sup>

Aqui o paradigma não surge completo. Nos textos estudados, não foram encontradas quaisquer sequências de possessivo com nome próprio nem de N+POS com nomes de parentesco e "casa"; estes últimos estão marcados com \*? pois é difícil fazer juízos de gramaticalidade: o que ocorre é gramatical, o que não ocorre pode ser ou não.

- (16) a. e a uossa morte fique- ou uosso fillo mayor (CA12 1271)

- b. \*? (N - POS)  
 c. mândo que **meu filio** i~fante don Sâncio que ei da reina dona Vrraca aia meu reino (1214 TT)
- (17) a. outorgamos por renda deste dia até dez anos primeyros uij' deyros a **nossa casa** que auemos ena vila de Bayona (HGP097 1280)  
 a'. mândouos que l' entreguedes a **outra mha casa** [...] a qual est en essa méésma frééguesia (CA07 1269)  
 b. \*? (N - POS)  
 c. Mays depouys que os fillos [...] ouuere~ **sa casa** (FR 1280?) - D [+def, -esp]
- (18) a. fiz põe~r o **meu séélo** en esta carta en testemuyno destas cousas (CA20 1273)  
 b. esta carta escriuj & **sinal meu** y pugj (HGP101 1283)  
 c. & eu Diego Gomez en esta carta [...] pono **meu seello** (HGP003 1265)

Coexistem as duas sequências D+POS+N e POS+N (semelhante ao Português Brasileiro — PB), tanto para os nomes comuns "normais" como para os nomes de parentesco em posição de SU e OD. O exemplo com "casa" (17 c.) tem interpretação não específica. Com modificação, relativa restritiva (17 a.) ou adjectivo (16 a.), é favorecida a ocorrência de D lexical; em (16 c.) a relativa é apositiva e D é nulo. Em contextos OBL, a sequência com D nulo (POS+N) ocorre muito mais vezes que com D lexical, sem diferenças significativas para os vários nomes.<sup>6</sup>

Quanto a possessivo pós-nominal há uma frequência mínima no total das ocorrências de possessivo, e os casos encontrados são todos com nomes comuns "normais". Em NT, TT e TL, não há possessivo pós-nominal; em HGP, há 8 ocorrências e, em CA, 11, nem todas com nomes singulares (aqui só reproduzirei as de nomes singulares).<sup>7</sup>

(19) N+POS

- a. damos & outorgamos a foro a uos , Rodrigo Aras , en **vida uossa** & de duas uozes apus uos , co~uem a saber (HGP057 1287)  
 b. eu Maria Miguelez [...] & omnis **uox mea** a uos [...] & a uossos fillos & fillas [...] & a toda uossa uoz ffazo carta de uendetion (HGP024 1274)

- c. *notarjus iuratus conpostellianus ad hoc uocatus interfuy & confirmo & de mādato meo Fernāduſ Laurentjſ ſcripsit & ſignu~ meum appono* (HGP115 1283)
- d. *esta carta escriuj & ſinal meu y pugj* (HGP101 1283) (=18 b.)

Em HGP, todas as 5 ocorrências de possessivo pós-nominal com nome comum singular têm D nulo; 3 surgem com grafia "alatinada" e em excerto "alatinado", pelo que a ordem de palavras pode estar também influenciada pelo Latim, língua em que esta era, ao que se sabe, mais livre.

(20) D+N+POS

- a. *uenha áas Alfandegas & a estalaria myã* (CA30 1278)
- b. *pouse~ na stalaria mya* (CA30 1278)
- c. *e quinhentas libras deue~ a ficar áã ordim nossa* (CA31 1278)

Em CA, em todas as ocorrências (20 a., b. e c.) está presente D lexical.<sup>8</sup> (20 a.) pode suscitar dúvida; não apresenta graficamente a contracção da preposição com o artigo (o que é possível nestes textos), mas o sintagma nominal está coordenado com um outro com D lexical evidente.

Cerqueira (1996) nota que, em PB, existem os mesmos 4 padrões de ocorrência de N com possessivo, mas com diferenças de interpretação óbvias:

1. (D[+def]+)POS+N - com interpretação existencial, D lexical não é obrigatório;
2. (D[+def]+)N+POS - a presença de D lexical tem repercussão semântica; com D nulo, a interpretação é não existencial e, eventualmente, hipotética (cf. 15); com D lexical, a interpretação é existencial mas contrastiva, e o conjunto indicado pelo nome é modificado por um delimitador (uma relativa, p. ex.).

Em PA, podemos também postular estas diferenças (mas a interpretação é, às vezes, difícil). O conjunto de frases em (18), de contextos muito semelhantes, pode, no entanto, ilustrar as diferentes interpretações propostas por Cerqueira: "ponho o meu selo, aquele que eu tenho" (18 a. e c.) e "ponho um sinal meu, aquele que eu tiver" (18 b.). As frases de (19) podem sugerir mais facilmente uma interpretação não específica e as de (20) uma interpretação definida e específica, eventualmente contrastiva.

Será preciso um estudo alargado a outros (tipos de) textos para caracterizar com mais exactidão os padrões de ocorrência de Possessivo e Nome, no PA, nas várias posições argumentais e não-argumentais, pois os contextos encontrados, apesar de serem bastantes em quantidade, são pouco diversificados. Os textos são todos do mesmo tipo (notariais e foros), portanto as estruturas e frases repetem-se muito.

### O caso peculiar de "casa"

Uma "curiosa peculiaridade" da palavra "casa" e de alguns nomes de parentesco, apontada por Longobardi, é o facto de, nas ocorrências de subida de N, estes nomes terem sempre associado um papel semântico de possuidor (cf. 21). Este pode ser lexical com possessivo (a.) ou PP — *de/di...+nome próprio* — (b.); ou nulo, controlado arbitrariamente (c.), pragmaticamente (d.) ou sintacticamente (e.):

- (21) a. Casa mia è bellissima.  
 b. Casa di Gianni è bellissima.  
 c. Casa è sempre il posto migliore per rilassarsi.<sup>9</sup>  
 d. Casa era ormai vicina.<sup>10</sup>  
 e. Maria pensa che la madre di Gianni abbia ripulito casa.<sup>11</sup>

Longobardi postula, então, a seguinte generalização descritiva para o Italiano e que considera válida para o resto das línguas românicas (Longobardi 1996a, p. 6):

- (22) O movimento de um nome comum para D (vazio) só é legitimado se um argumento genitivo, lexical ou subentendido, for realizado.

Argumenta, ainda, que este fenómeno tem afinidades com o *construct state* do Semítico. As línguas semíticas, para construções de nome com um genitivo adnominal, paralelamente à ordem D+N(+AP)+P+DP - o *absolut state* -, semelhante à das línguas românicas, apresentam a ordem N+DP(+AP) - o *construct state*, cujas características são (Longobardi 1996a, p. 6-7):

- (23) A. N em primeira posição;  
 B. genitivo obrigatório;<sup>12</sup>  
 C. ausência de artigo;  
 D. ausência de preposição;  
 E. adjacência rígida entre o N e o seu argumento genitivo;  
 F. redução fonológica do N;  
 G. "herança" de definitude: o valor de definitude do núcleo N depende do traço [+/-def] do complemento (genitivo).

Longobardi (1996a) nota que, nos casos de (21), só as propriedades A, B e C do *construct state* se manifestam, mas, apresenta dados do Italiano (24), do Catalão (25) e do Francês (26) que revelam serem também produtivas, nas línguas

românicas, as propriedades D, E e F (nomeadamente a ocorrência da sequência: "*casa*" + *nome de família* por D + "*casa*" + *de* + *nome de família*):

- (24) a. Casa Rossi è qui vicina. - D, E  
 b. In casa il conte... (var. da Toscana) - D, E
- (25) Casa/Ca' meva no és lluny d' aquí. - D, E, (F)
- (26) Je suis/vais chez mes parents. - D, E, F

### É também "casa" um caso peculiar no PEC e no PA?

Podemos dizer que sim, embora não exactamente da mesma forma que Longobardi aponta para o Italiano. Os exemplos em (27), paralelos aos do Italiano em (21), não são gramaticais (entre parêntesis estão as versões gramaticais), pois, como já vimos, em PEC, em posição de SU e OD, não é possível a ocorrência de qualquer nome com D nulo [+def, +esp]. Em PA, parece ser possível (cf. 16 c.).

- (27) a. \* Casa minha é muito bonita.  
 (A minha casa é muito bonita.)  
 b. \* Casa de/do João é muito bonita.  
 (A casa do João é muito bonita.)  
 c. ? Casa é sempre o melhor sítio para descansar.  
 (A nossa casa é sempre o melhor sítio para descansar.)  
 d. \* Casa estava eventualmente próximo.  
 (???)  
 e. \* A Maria pensa que a mãe do João tinha limpo casa.  
 (A Maria pensa que a mãe do João tinha limpo a casa.)

No entanto, em PEC, um D nulo [+def, +esp] é possível quando "casa" integra um DP complemento de preposições locativas<sup>13</sup> — mas só com preposições locativas (cf. 28 h.)<sup>14</sup>.

- (28) a. Foi a minha casa.  
 b. Estou em casa da Maria.  
 c. Vou para casa. =a minha casa  
 d. O Pedro vem de casa. =a casa dele  
 e. Fomos de/desde nossa casa até casa da Maria sem travões.  
 f. Passamos antes por casa. =a nossa casa  
 g. A escola fica a meio caminho entre tua casa e o banco.  
 h. \* Falei sobre minha casa com o Pedro.

Aplicando a generalização de Longobardi, apresentada em (22): "casa" ocorre com D nulo e tem um argumento possuidor associado, lexical (28 a., b., e. e g.) ou nulo (28 c., d. e f.). No entanto, e partindo do pressuposto, que é o de Longobardi, de que o possessivo está na margem esquerda do NP<sup>15</sup> (seja aí projectado directamente ou deslocado de uma posição à direita de N), o nome "casa" não sobe para D (cf. 28 a. e e. - POS+N).

Quando o argumento genitivo é lexical (sob a forma de um possessivo ou de um PP), é possível tanto D nulo como D lexical.

- (29) a. Foi à minha casa. (cf. 28 a.)  
 b. Estou na casa da Maria. (cf. 28 b.)  
 c. Fomos da/desde a nossa casa até à casa da Maria sem travões.<sup>16</sup> (cf. 28 e.)  
 d. A escola fica a meio caminho entre a tua casa e o banco. (cf. 28 g.)

Quando o argumento genitivo não está presente e é recuperado, não é possível a ocorrência de D lexical.

- (30) a. \* Vou para a casa. (cf. 28 c.)  
 b. \* O Pedro vem da casa. (cf. 28 d.)  
 c. \* Passamos antes pela casa. (cf. 28 f.)

Em PA, quanto aos contextos com P e "casa" (31), é mais frequente a ocorrência com D nulo, mas também há ocorrências com D lexical — (31 e.) neste caso, há modificação por relativa.<sup>17</sup> Com P locativa, só ocorre D nulo (31 a. e b.).

Os casos já vistos antes para o Italiano e para o PEC — em que "casa" ocorre com o argumento possuidor subentendido, controlado sintacticamente — não são "observáveis" nos textos considerados.

- (31) a. uáá descarregar seu auer [...] a ssa casa (CA08 1269)  
 b. E cu~ ille existis de sua casa (NT 1214?)  
 c. prendere~uli o seruical otro ome de sa casa (NT 1214?)  
 d. E cu~ ille e cu~ sa casa [...] ue~cestes uosa erdade (NT 1214?)  
 e. eu Don Munio Fernandez de Rodeiro dou [...] \*XXti soldos perla mia casa que eu fix no burgo de Negralle (HGP022 1258)

O que parece ser diferente, em PA, relativamente ao PEC, são 2 ocorrências, ambas do mesmo texto de HGP, da zona galega, similares aos exemplos do Catalão (e doutras línguas românicas) que Longobardi refere terem



todas as características do *construct state* do Semítico: N em primeira posição; Genitivo obrigatório; ausência de artigo; ausência de preposição; adjacência rígida entre o N e o seu argumento genitivo; redução fonológica do N; "herança" de definitude — a já referida estrutura N+DP/NP por D+N+PP.<sup>18</sup>

- (32) a. *deue o foreyro de Freaes j quarteyro de centeo en cas Munio Perez* (HGP055 1281)  
 b. *mando argona a mias sobrinas Eluira Perez & Tereyga Perez [...] & duas mesas de mantéés que seen en cas Maria Fernandez de Gimaraes* (HGP055 1281)

### A análise de E. P. Raposo

- (33) é o paradigma relevante para uma análise proposta por Raposo — este paradigma resume as peculiaridades de "casa" já notadas, para o I, PEC e PA.

- (33) a. *Vado a casa mia./Casa mia è bella.*  
 b. *Vou a (minha) casa./\*(Minha) casa é bonita.*  
 b'. *Vou a casa da Maria./\* Casa da Maria é bonita.*  
 c. *Vou à minha casa./A minha casa é bonita.*  
 c'. *Vou à casa da Maria./A casa da Maria é bonita*  
 d. *Estou em cas Maria./ \*? Cas Maria é bonita.*  
 e. *Vou à da Maria./A da Maria é mais bonita que a minha.*

Em Italiano, "casa" com D nulo sobe para D, por adjunção ou substituição, atravessando o possessivo, resultando a sequência N+POS, que pode ocorrer em posição de SUJ e OD (33 a.).

Em PEC (e PA?), "casa" com D nulo não sobe para D; a sequência é POS+N, que não pode ocorrer em posição de SUJ e OD (33 b.).

Admitindo, como no Programa Minimalista, que os casos Nominativo (de SUJ) e Acusativo (de OD) são estruturais e verificados numa posição Spec (Nom em Spec de Infl; Acus em Spec de AgrO ou Spec de v), posição não regida apropriadamente, pode-se assumir que é ECP (Empty Category Principle), tal como Chomsky (1981) define (34), que dá conta do contraste existente nas duas línguas.

- (34) Uma categoria vazia tem que ser apropriadamente regida.  
 Uma categoria vazia é apropriadamente regida se:  
 a) é lexicalmente regida;  
 b) ou tem um antecedente local.

Em Italiano, a subida de N para D lexicaliza D, que escapa a ECP (D com N é igual a D lexical, já não uma categoria vazia). Em PEC (e PA?), sem subida de "casa" para D, D fica vazio; logo, com o DP em posição Spec (SU ou OD), D nulo não é apropriadamente regido - viola ECP.

Mas por que é que, com D nulo, N "casa" sobe em I e não em PEC (cf. 33 a. e b.)?

Eduardo P. Raposo, seguindo um movimento "lexicalista", defende que há diferenças que se devem a variação do Léxico, vocabular; cada item tem, na sua entrada lexical, Traços Fonológicos (segmentais e morfo-fonológicos), Traços Semânticos e Traços Formais (categoria, selecção, Caso) inerentes, que determinam o seu comportamento sintáctico.

Seguindo esta ideia, não há um único item lexical "casa", uniforme nas várias línguas, mas vários, com traços fonológicos, semânticos e formais diferentes.

#### Há várias casas...

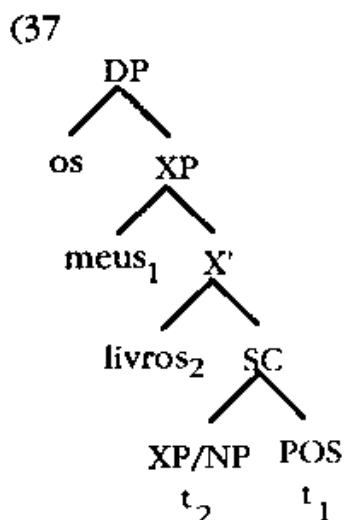
Assim, e em termos da teoria X-barrada despojada, em PEC e PA, "casa" de (33 b.) seria, lexicalmente, N mínimo-máximo; isto é mostrado pelo facto de não admitir modificação por adjectivo ou relativa, dentro do domínio N:

- (35) a. \* Vou para (minha) casa azul/que comprei ontem.  
 b. \* Vou para casa azul da Maria.

Por outro lado, admite possessivo ou genitivo, o que nos leva a ter que considerar que o possuidor não faz parte da projecção N:

- (36) a. Vou para minha/tua casa.  
 b. Vou para casa da Maria/dela.  
 c.

Podemos admitir, tal como Cerqueira (1996) propõe, que as construções de posse têm uma estrutura de oração pequena (SC) em que o possuidor (POS) é parte do predicado e o possuído o argumento externo (XP, projecção máxima, no mínimo, NP).



O possuído sobe para núcleo de XP<sup>19</sup>, uma categoria funcional entre DP e a oração pequena, e o possuidor-possessivo para Spec de XP (para verificar a concordância com N), resultando a ordem (D+)POS+N.

Voltando a (33 b.), como N mínimo-máximo não é um núcleo, e o movimento de N para D é um movimento de núcleo para núcleo, N "casa", em PEC e PA, não sobe para D.

Por outro lado, este N mínimo-máximo tem um traço semântico inerente locativo, marcado na sua entrada lexical, que só é verificado se for projectado como complemento de P que atribua caso inerente locativo juntamente com função temática locativa. Assim, esta P locativa rege apropriadamente D nulo e licencia-o - não há violação de ECP. D nulo, na ausência de possuidor lexical (possessivo ou PP), é anafórico e está ligado a um elemento mais alto na frase (o SU), que lhe dá a interpretação do possuidor de "casa" — em (33 b.) ligado ao pronome nulo de 1ª pessoa singular (= "eu").<sup>20</sup> Por qualquer razão, D nulo [+def], em PEC, só é legitimado num DP locativo, o que não acontece em Italiano e em PA — em I, em qualquer posição; em PA, com outras preposições, não locativas e, eventualmente, noutros contextos.<sup>21</sup>

Em (33 a.), "casa" é N mínimo-não-máximo, não subespecificado com traço locativo, que ocorre tanto com D lexical (la mia casa) como com D nulo; neste último caso, N mínimo-não-máximo (núcleo) sobe para D. Também em PEC e em PA existe "casa" N mínimo-não-máximo, sem traço locativo, que admite modificação, mas que só ocorre com D lexical (cf. 33 c. e c').

Outra análise, sugerida pela proposta de Kayne (1994) para as relativas e adjectivos (ambos seriam sempre CPs, seleccionados por D), faz restringir a selecção de D nulo, em PEC, a NP, ou melhor, a DP/PP possessivo integrando N "casa" inerentemente locativo. D lexical selecciona CPs relativos e adjectivais, bem como DPs/PPs possessivos que integrem qualquer outro nome.

Para (33 d.), Raposo propõe que "cas" é um D "puro" (mínimo-não-máximo), reduzido fonologicamente (talvez um clítico<sup>22</sup>) que selecciona o possuidor. Se "cas" tem traço inerente locativo, é difícil saber; os exemplos (escassos) só o mostram em contexto locativo, mas noutras línguas românicas um item semelhante pode ocorrer noutros contextos (v. Catalão - Ca' meva ... em que há subida de N).

(33 e.) mostra que há, em PEC, pelo menos, um N "casa", nulo foneticamente, sem traço locativo, e que ocorre, talvez só regionalmente, sem antecedente, mas só com possuidor PP e não com possessivo.

Com este trabalho, pretendi demonstrar que a análise da subida de N de Longobardi parece não se adaptar aos dados do Português Europeu Contemporâneo e Antigo, e que, tal como o próprio propôs, a palavra "casa", nas línguas românicas, parece ter um comportamento singular (tanto ao nível morfo-sintáctico como fonológico) também no Português (PEC e PA), embora não completamente coincidente com o do Italiano — aqui apresentei uma análise sugerida por E. P. Raposo que pretende dar conta, exactamente, das diferenças entre o Português e o Italiano.

Futuramente, importa caracterizar mais precisamente os contextos de N e possuidor, no PA (aparentemente mais próximos do PB que do PEC), nomeadamente os traços semânticos dos Ds, lexicais ou nulos, com que ocorrem, o que se conseguirá alargando a natureza e número de textos. Outra linha de trabalho é a comparação das realizações de "casa" noutras línguas, românicas e não só (veja-se a dicotomia "house"- "home" do Inglês), pensando nelas como exemplos de *construct state* e na relevância do traço inerente locativo para este tipo de construção integrando esta palavra.

\* Este trabalho foi realizado na qualidade de Bolseira de Iniciação à Investigação Científica da Fundação para a Ciência e Tecnologia, ao abrigo do Projecto nº 2/2.1/CSH/778/95, «Corpora de Português Medieval. Etiquetagem e Segmentação Automáticas», subsidiado pelo Programa Praxis XXI.

### Notas

1 Excepto massivos e nomes plurais, os únicos que, em posição argumental, podem ser introduzidos por D nulo - aí a sua interpretação não é [+def, +esp].

(1) Bebi café. =algo/um pouco de café

(2) Vi raparigas à volta da casa. =algumas/umas raparigas

2 Estas frases são aceites por alguns falantes; no entanto, parecem estar, associadas a falares regionais e/ou de pessoas mais idosas. Contudo, no Português Padrão Contemporâneo, de Lisboa, tomado aqui como referência, estas frases não são gramaticais.

3 Esta frase é estranha, do ponto de vista do conhecimento do mundo, porque, como os nomes próprios, por si, tendem a designar uma realidade única e específica, é difícil conceber que eu tenha (perto) várias pessoas com o nome de João (mais de duas, pelo menos).

4 Esta noção da "hipótese" (da existência ou não) é apontada por Cerqueira (p. 6) para um contraste semelhante no Português Brasileiro.

5 Os dados do PA foram retirados de edições de textos não-literários do séc. XIII, integrados no *CIPM (Corpus Informatizado do Português Medieval)*: História do Galego-Português (HGP) de Clarinda Maia, Chancelaria de Afonso III (CA) de Luís Fagundes Duarte, Foro Real (FR) de Azevedo Ferreira, Notícia de Torto (NT) de Lindley Cintra e Testamento de Afonso II, versões de Toledo (TT) e Lisboa (TL) do Pe. Avelino Jesus da Costa.

6 A predominância de POS+N com D nulo é grande: em NT é de 95%; Lourdes Crispim (1995, p. 507) regista percentagens semelhantes no ms. quinhentista *Livro das Três Virtudes*: 90% de POS(+ADJ)+N, 4,4% de ART(+ADJ)+N; Rosa Virgínia Mattos e Silva (1989, 179-182), em *Estruturas Trecentistas*, num texto do séc. XIII, contemporâneo destes, contabiliza 69% de ocorrências de possessivo com artigo e 31% sem artigo.

Apesar de, nos números apresentados, não estarem discriminadas as percentagens de ocorrência dos contextos argumentais e dos não argumentais (sabemos que, nestes últimos, não há diferenças entre o PEC e PA - como aposto, predicado de OP/SC, vocativo usa-se POS+N com D nulo ainda hoje), notamos que é maior a ocorrência de D nulo com POS+N em contextos argumentais simples - sem modificação adjectival ou relativa.

7 Lourdes Crispim (1995, p. 507) não regista nenhuma ocorrência de possessivo pós-nominal e Rosa Virgínia Mattos e Silva (1989, p. 179) apenas 3 ocorrências num total de 891.

8 Há, ainda, uma outra ocorrência com possessivo, mas com D nulo:

- (i) e que o al poderia séer grã dâno e grã perigóó meu e de meus filhos e de meus vasallos e de meu reyno. (CA20 1273)

No entanto, o possessivo, aqui, não marca um possuidor, mas antes o alvo do nome que o antecede; poderíamos traduzir por "o resto poderia causar grande dano e grande perigo a mim e aos meus filhos...".

9 a casa de cada um

10 a minha/a tua ou marginalmente a casa dele ou dela, sujeito a um pré-requisito de saliência pragmática

11 a casa da mãe de Gianni, a não ser que Maria ou Gianni estejam pragmaticamente salientes

12 No Semítico, é obrigatoriamente lexical.

13 "Casa" comporta-se, nestes contextos, como os nomes próprios de (algumas) cidades e (alguns) países;no entanto, estes admitem D nulo noutros contextos - SU, OD, OBL).

- (i) Vou a Lisboa/Espanha.

- (ii) O Pedro encontrou a Maria em Lisboa/Espanha.
- (iii) O Pedro encontrou a Maria quando vinha de Lisboa/Espanha.
- (iv) Vi-te quando ias para Lisboa/Espanha.
- (v) Falei com ele sobre Lisboa/Espanha.

14 Longobardi, ao argumentar a relação destas estruturas com o *construct state* do Semítico, nota que os contextos locativos — em que a palavra "casa" integra um DP complemento de uma preposição locativa — admitem mais naturalmente essa construção (Longobardi 1996a, nota 15, p. 12).

15 Longobardi (1996a), p. 25.

16 Com qualquer nome, que tem obrigatoriamente D lexical, usa-se a locução preposicional "até a"; quando o D é nulo, só possível com "casa" (e alguns nomes de cidade e países já referidos), a segunda preposição ("a") desaparece.

- (i) Vou até casa da Maria.
- (ii) Vou até à faculdade./ Vou até à casa da Maria.

17 Adoptando a proposta de Kayne (1994), podemos dizer que o tipo de D que selecciona CP relativo se define em função da interpretação que o N relativizado tem; N [+def, +esp] ocorre num CP relativo seleccionado por D lexical ou nulo [+def, +esp]. Em PEC, exceptuando com os nomes próprios de cidades e países (Conheci Lisboa que é a cidade mais bonita de Portugal.), D [+def, +esp] é lexical, enquanto que, em PA, encontramos alguns contextos com D nulo com essa interpretação; esse D nulo ocorre igualmente seleccionando CP relativo (cf. 16 c.). Mas a modificação, em PA, parece condicionar a ocorrência de D lexical; não a torna obrigatória, pelo menos não com todos os nomes, mas parece favorecê-la; vejam-se os contextos OBL em (31).

18 "Cas", com esta forma, ocorre mais uma vez, no mesmo texto, mas seguido de P "de" +nome próprio.

19 Raposo (p.c.) propõe que a projecção intermédia licenciadora do possessivo/genitivo possa ser n pequeno (semelhante a v pequeno proposto por Chomsky).

20 Parece haver alguma semelhança entre esta estrutura e a dos nomes que designam "posse inalienável" (partes do corpo e não só), em que há um elemento anafórico ligado a um elemento anterior na oração (o SU), que tem a interpretação de possuidor.

- (i) A Maria lavou a cabeça. =a cabeça da Maria
- (ii) O Pedro partiu o braço. =o braço do Pedro
- (iii) Pediu à criança para lhe dar a mão. =a mão da criança
- (iv) Foi para o quarto. =o quarto dele/dela

21 A legitimação de D nulo, em PA, poderá ser feita, eventualmente, com o possessivo em D.

22 Sugere Raposo, mas não há evidências, pois as únicas ocorrências são as apresentadas em (32).

**Referências Bibliográficas**

- CERQUEIRA, Vicente Cruz (1996) *A Sintaxe do Possessivo no Português Brasileiro*. Diss. de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
- CHOMSKY, N. (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht, Foris Publications.
- CHOMSKY, N. (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- CRISPIM, Maria de Lourdes (1995) *Christine de Pizan; O Livro das Tres Vertudes ou O Espelho de Cristina*. Diss. de Doutorado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- CONTRERAS, Heles (1986) «Spanish bare NPs and the ECP», in BORDELOIS, I., CONTRERAS, H. e ZAGONA, K. (eds.) *Generative Studies in Spanish Syntax*. Dordrecht, Foris Publications.
- KAYNE, Richard S. (1994) *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- LONGOBARDI, Giuseppe (1994) *Reference and Proper Names: a Theory of N-Movement in Syntax and Logical Form*. *Linguistic Inquiry*, 25-4, Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- LONGOBARDI, Giuseppe (1996a) *The Syntax of N-Raising: a Minimalist Theory*. Utrecht, OTS Working Papers.
- LONGOBARDI, Giuseppe (1996b) *N-Raising and Place Names*. Università di Venezia.
- RAPOSO, Eduardo Paiva (1998) *Determinantes, Pronomes e Colocação de Clíticos* - Seminário na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e (1989) *Estruturas Trecentistas; Elementos para uma Gramática do Português Arcaico*. Lisboa, INCM.